

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

DIOGO ALEXANDRE NUNES SILVA

**DO LATIM AO FRANCÊS MODERNO:
E DAÍ?**

UBERLÂNDIA (MG)

2023

DIOGO ALEXANDRE NUNES SILVA

**DO LATIM AO FRANCÊS MODERNO:
E DAÍ?**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras: Francês e Literaturas de Língua Francesa do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciado em Letras: Francês e Literaturas de Língua Francesa.

Orientador (a): Prof. Dr. Giovanni Ferreira Pitillo

UBERLÂNDIA (MG)

2023

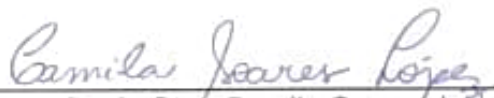
DO LATIM AO FRANCÊS MODERNO:
E DAÍ?

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Graduação em
Letras: Francês e Literaturas de Língua
Francesa do Instituto de Letras e
Linguística da Universidade Federal de
Uberlândia como requisito parcial para a
obtenção do grau de licenciado em Letras:
Francês e Literaturas de Língua Francesa.

Uberlândia, 24 de março de 2023



Prof. Dr. Giovanni Ferreira Pitillo



Profª. Dra. Camila Soares López



Prof. Dr. Frederico de Sousa Silva

Dedico esta monografia,

a todos os meus colegas do curso de letras, *(seja do francês ou não, seja prosseguindo na faculdade ou perseguindo outros sonhos)* que nessa jornada do latim ao francês contribuíram para minha formação; sobretudo à Ana Paula Elias, Calleb Silva, Danilo Vilela, Henrique Santos, Igor Diego, Izadora Costa, Janaina Ribeiro, Lilian Araújo, Lucas Trindade, Luciana Muniz, Malu Menani, Rosiely Brito, Sabrina Pamplona, e em especial, à Mafê Bonfim, Marco Antônio Nunes e Queren Comesaña;

ao meu orientador Giovanni Pitillo, que ao aceitar percorrer esse caminho de um tema tão atípico, quanto singular, transbordou muito pragmatismo, bastante sinceridade, e principalmente, doses generosas de empatia;

e por fim, a minha mãe, pelo seu irrestrito e imprescindível apoio nessa minha nova trajetória acadêmica, pela compreensão e paciência imensuráveis, pelo incondicional amor, e ao meu cachorro Thor pelo alívio emocional de sua presença, por ter ficado rigorosamente, todos os dias, ao meu lado *(literalmente, embaixo dos meus pés)*, durante todo o processo de escrita desse TCC, até, infelizmente, partir cinco dias antes dessa conclusão.

RESUMO

Inegavelmente é sabido que a língua francesa descende do latim, idioma esse, que o novo Projeto Pedagógico para o Curso de Graduação em Letras: Francês e Literaturas de Língua Francesa da Universidade Federal de Uberlândia acrescentou como disciplina. Posto isso, o objetivo deste trabalho busca mostrar, se é possível utilizar o latim para explicar algum aspecto gramatical do francês, e assim sendo, de que forma essa relação pode ser demonstrada. Desta maneira, enquanto o capítulo 01 discute o desejo teórico do referido projeto pedagógico em materializar essa interdisciplinaridade, por sua vez, o capítulo 03 analisa o manual didático e metodologia adotados por esse curso de graduação, na perspectiva prática desta relação entre essas duas línguas. Será do capítulo 02, a hercúlea responsabilidade de contar a imensa história do latim ao francês moderno, expondo como alguns aspectos gramaticais evoluíram.

Palavras-chave: Latim. Língua francesa. Interdisciplinaridade.

RÉSUMÉ

Il est indéniable que la langue française descend du latin, langue qui le nouveau Projet Pédagogique du Cours de Licence en Lettres : Français et Littératures de Langue Française de l'Université Fédérale d'Uberlândia a ajoutée comme discipline. Cela dit, le but de ce travail est de montrer s'il est possible d'utiliser le latin pour expliquer certains aspects grammaticaux du français, et si oui, comment cette relation peut être démontrée. Ainsi, alors que le chapitre 01 aborde le désir théorique du projet pédagogique précité de matérialiser cette interdisciplinarité, à son tour, le chapitre 03 analyse le manuel didactique et la méthodologie adoptés par ce cours de licence, dans la perspective pratique de cette relation entre ces deux langues. Le chapitre 02 aura la charge herculéenne de raconter l'immense histoire du latin au français moderne, en exposant comment certains aspects grammaticaux ont évolué.

Mots clés : Latin. Langue française. Interdisciplinarité.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

QUADRO 1	<i>Prōnōmina Relātīva</i> , casos nominativo e acusativo; e <i>Pronoms Relatifs</i> , casos sujeito e regime.....	24
QUADRO 2	“Série <i>Mon</i> ”, <i>Adjectifs Possessifs</i> (forma átona).....	26
QUADRO 3	“Série <i>le Mien</i> ”, <i>Pronoms Possessifs</i> (forma tônica).....	26
QUADRO 4	<i>Prōnōmina Possessīva</i> , casos nominativo e acusativo.....	27
FIGURA 1	Fragmento de “ <i>Nouvelle grammaire Française: Fondée sur l’histoire de la langue</i> ”.....	32
FIGURA 2	Fragmento de “ <i>Grammaire française historique</i> ”.....	32
FIGURA 3	Fragmento de “ <i>Nouvelle grammaire historique du français</i> ”.	33
FIGURA 4	Fragmento de “ <i>Œuvres Complètes de P. de Ronsard</i> ”.....	34
FIGURA 5	Fragmentos de “ <i>Version Originale 2</i> ”.....	37

SUMÁRIO

01. FRAGMENTADO.....	7
02. INVENTADO, DESCARTADO, MISTURADO, REMANEJADO, RESTAURADO, DESCONTINUADO.....	10
2.1. <i>PRONOMS RELATIFS.....</i>	23
2.2. <i>LES POSSESSIFS.....</i>	25
2.3. <i>ARTICLES PARTITIFS.....</i>	31
2.4. <i>'H' ASPIRÉE, 'H' MUET.....</i>	33
2.5. <i>ADJECTIFS NUMÉRAUX CARDINAUX.....</i>	35
2.6. <i>PATAVINITAS.....</i>	36
03. ENCONTRADO.....	36
REFERÊNCIAS.....	39

01 FRAGMENTADO

“APPARET ID QUIDEM... ETIAM CAECO.”
(Tito Lívio, *Ab Urbe Condita*, lv. 32, cap. 34, l. 3)

Sem ter a mínima pretensão magnificente que o historiador romano Tito Lívio teve, quando escreveu sua obra prima *“Ab Urbe Condita”*, traduzido em português como “Desde a fundação da Cidade”, na qual narrou a origem e formação de Roma, este capítulo tem a mesma intenção do livro em latim: discorrer sobre um início. Neste caso, o intento é em doses mais modestas. A gênese em questão é a do atual curso de Letras Francês. Na verdade, de um pequeno aspecto dele. Todavia, um ponto particularmente importante.

Diante da necessidade de se rever o Curso de Letras da UFU, em 2017 foi elaborado o novo Projeto Pedagógico para o Curso de Graduação em Letras: Francês e Literaturas de Língua Francesa da Universidade Federal de Uberlândia. Como consequência, em 2018, ingressou a primeira turma deste novo projeto pedagógico – a turma 84^a, turma da qual este inquieto graduando faz parte.

E no meio das várias novidades deste novo currículo, foi preconizada a ***“interdisciplinaridade e articulação entre as atividades que compõem a proposta curricular, evitando-se a pulverização e a fragmentação de conteúdos”*** (UFU, 2017, p. 10, grifos nossos). Dentro de sua estrutura curricular, ocupando 49,5% da carga horária total deste projeto, há o “núcleo de estudos de formação geral”, núcleo esse composto por componentes considerados básicos e que reúne 28 (vinte e oito) disciplinas específicas, entre as quais, os 08 (oito) componentes curriculares de Língua Francesa e os 02 (dois) de Latim (Estudos Clássicos), além de um componente de Morfossintaxe, outro de Fonética e Fonologia (ambos de língua francesa) e um também de Filologia Românica¹.

¹ As disciplinas supracitadas estão organizadas da seguinte maneira dentro da grade curricular do Curso de Graduação em Letras: Francês e Literaturas de Língua Francesa da Universidade Federal de Uberlândia: **1º Período:** Língua Francesa I, Estudos Clássicos: Latim I; **2º Período:** Língua Francesa II, Estudos Clássicos: Latim II, Língua Francesa: Fonética e Fonologia; **3º Período:** Língua Francesa III, Filologia Românica: Formação histórica das Línguas Românicas; **4º Período:** Língua Francesa IV, Morfossintaxe da Língua Francesa; **5º Período:** Língua Francesa V; **6º Período:** Língua Francesa VI; **7º Período:** Língua Francesa VII; **8º Período:** Língua Francesa VIII.

Entretanto, apesar de todos esses componentes estarem locados no mesmo núcleo, sobretudo os de Língua Francesa (do I ao VIII) e Latim (I e II), a reflexão sobre essa jornada, enquanto professor em formação, é que não houve interdisciplinaridade (ou que, no mínimo, a mesma não foi evidenciada entre essas disciplinas).

E essa forma de reflexão baseada em uma jornada pessoal, como qualquer outra, é decisiva na práxis do professor, conforme propõe Perrenoud et al. (2002) ao afirmar que a reflexão alicerçada na experiência promove a edificação de novos saberes, principalmente, se a capacidade de inovação estiver presente na prática reflexiva.

Para comprovar a veracidade e a obviedade dessa reflexão, fez-se necessário optar-se pela fastidiosa e insossa missão de análise das Fichas de Componente Curricular constantes no próprio Projeto Pedagógico e dos Planos de Ensino elaborados pelos professores. Assim como adotar um olhar criterioso sobre o manual didático utilizado no curso "*Version Originale*". Pura formalidade.

Ao examinar cada uma das 08 (oito) Fichas de Componente Curricular das disciplinas de Língua Francesa (L.F.), concluiu-se que elas estão ensimesmadas entre elas mesmas. Por exemplo, no item "objetivos", sejam eles geral ou específicos, observa-se as seguintes preocupações recorrentes: fomentar a autonomia do aluno e sua reflexão particular acerca do seu construto na aquisição/aprendizagem da língua francesa (L.F. do I ao V); estudar as variedades dos discursos nessa língua (L.F. I) e continuar o estudo dessas variedades (L.F. do II ao V); produzir atividades orais e escritas para reforçar competências linguísticas-discursivas (L.F. VI ao VIII); e refletir sobre o processo de ensino/aprendizagem e sobre as metodologias na formação do futuro professor (L.F. VI e VIII). Há sim outros vários objetivos nas fichas, mas, claramente, não é prioridade, neste item, a interdisciplinaridade entre as oito etapas de língua francesa e as duas etapas de latim.

Tampouco é diferente, quando se analisa o item "ementa". Na verdade, é praticamente igual ao item "objetivos". Se nas quatro primeiras etapas de Língua Francesa é priorizado o debate sobre questões culturais, políticas, sociais e cognitivas no processo de aprendizagem, nas quatro derradeiras etapas é requeitada a ideia de produzir atividades orais e escritas para reforçar competências linguísticas-discursivas através de textos argumentativos, e de

concentrar e refletir sobre o processo de ensino/aprendizagem.

Se não foi possível perceber, no mundo teórico/ideal das Fichas de Componente Curricular das oito etapas de Língua Francesa, a interdisciplinaridade preconizada na página 10 do Projeto Pedagógico, em relação às duas etapas do Latim, pelo menos, poderia, no mundo prático/real dos Planos de Ensino elaborados por cada professor destas disciplinas haver externada essa relação de interdisciplinaridade. Não houve.

Foi mais do mesmo. Basicamente, ao avaliar o item “justificativa” dos Planos de Ensino, o que se percebeu é que cada professor sintetizou, de maneira autoral, os itens “objetivo” e “ementa” das fichas de componente curricular, reproduzindo-os, sem nenhum elemento novo, sem se posicionar efetivamente. E como nas fichas não há essa ideia de integração entres estas duas disciplinas, evidentemente (e lamentavelmente), nenhum professor se apropriou da premissa de interdisciplinaridade.

Mas, e se houvesse um outro caminho? E se ao invés de onerar e sobrecarregar oito gradativas disciplinas com a laboriosa responsabilidade de articulação entre elas e os componentes de Latim, se encontrasse uma forma de combater essa pulverização de conteúdos de uma só vez?

Será que nesse novo Projeto Pedagógico há algum componente curricular que, ao contrário de se preocupar com a aquisição de uma língua estrangeira e com as competências discursivas e comunicacionais, empenhasse na compreensão e reconhecimento de estruturas e construções da língua estrangeira, tanto em seus aspectos morfológicos, quanto sintáticos, com o intuito de mostrar o funcionamento básico da Língua Francesa, como acontece de maneira semelhante nas disciplinas de Latim I e Latim II? Ou que se atentasse na análise da formação de palavras e sentenças, focando também, por exemplo, nos possessivos, pronomes relativos, artigos partitivos, usos do ‘H’, números cardinais?

A resposta é sim. Essa disciplina existe, e ela tem um nome: Morfossintaxe da Língua Francesa. E tudo que foi descrito no parágrafo anterior é um compilado sintético dos itens “objetivos”, “ementa” e “programa” da Ficha de Componente Curricular desta disciplina. Porém, mais uma vez, não existe a mínima menção à interdisciplinaridade com as disciplinas de Latim.

Por fim, o corolário é trágico: enquanto estudante, a impressão patente é

que, infelizmente, houve uma pulverização e uma fragmentação dos conteúdos dos componentes curriculares supracitados, uma vez que, os professores de língua francesa e morfossintaxe não fizeram a conexão, em termos práticos, do latim ao francês moderno. Jamais apresentaram as contribuições do latim para o ensino e aprendizagem da língua francesa.

A ironia é triste. O mesmo corpo docente que, ao elaborar o Projeto Pedagógico, preconizou a interdisciplinaridade e articulação, não executou essa premissa durante o processo de ensino/aprendizagem. Totalmente inexistente. Por isso, foi fastidioso e insosso analisar as Fichas de Componentes Curriculares e os Planos de Ensino; ter que comprovar algo que nunca existiu. Pura formalidade daquilo que já é claro, notório, óbvio, visível, “*apparet id quidem... etiam caeco*”. Ou traduzindo Tito Livio: é evidente certamente... até mesmo para um cego.

02 INVENTADO, DESCARTADO, MISTURADO, REMANEJADO, RESTAURADO, DESCONTINUADO

“...QUEMADMODUM POLLIO REPREHENDIT
IN LIVIO PATAVINITATEM [...].
PLURIMA GALLICA EVALUERUNT...”
(Quintiliano, *Institutio Oratoria*, lv. 1, cap. 5, l. 56-57)

Antes do primeiro século da era cristã finalizar, o professor e orador Quintiliano publica, por volta do ano 90 d.C., sua obra “*Institutio Oratoria*” que tinha como pretensão ensinar a arte da retórica. No excerto que discorre sobre a origem das palavras latinas e estrangeiras, ele cita uma certa implicância que o político e cônsul Asínio Polião tinha com a *patavinitas* de Tito Livio. O termo latino *patavinitas* (*patavinitatem*, no caso acusativo) faz referência à cidade onde Tito nascera, Pádua, que em latim era *Patavium*.

Se atualmente, Pádua faz parte do norte italiano, *Patavium* pertencia à Gália Cisalpina, que juntamente com a Gália Transalpina foram incorporadas

pelo Império Romano, em meados de 49 a.C. É nessa região, em grande parte dos territórios das Gálias, onde se localiza, hoje, a França.

Naturalmente, os romanos não foram os primeiros a ocuparem esta localidade. Anterior à chegada deles, no lugar que futuramente seria o Estado Francês, vivia na **Gália** inúmeros **povos Celtas** (os belgas, os ligurianos, os aquitanos, entre outros), todos eles denominados **Gauleses** pelos latinos. Conforme Stanislav (2021, p. 7), “a celtização da França, ou seja, a difusão da língua e da vida material, intelectual, moral e religiosa dos celtas, durou mais de mil anos.”² (tradução nossa). Após a invasão romana, a língua gaulesa não foi eliminada de uma hora para outra. Bertrand (2011, p. 17) afirma que

o gaulês foi lentamente suplantado pela língua do invasor, [...] o substrato [língua pré-existente] foi de certa forma assimilado ao superstrato [língua dominante] latino. Considera-se que o gaulês sobreviveu de alguma forma entre os falantes até o século V ou VI da nossa era.³ (tradução nossa)

Saber que, durante alguns séculos coexistiram na Gália, o gaulês e o latim, será bem interessante doravante até o fim deste capítulo, todavia, por ora, esta informação ajuda a entender o juízo jocoso de Asínio Polião sobre Tito Livio. Como demonstra Collares (2010), em um contexto caracterizado por uma alteridade linguística-cultural, o cônsul Asínio, nascido em uma cidade bem próxima à Roma e, portanto, exalando valores e tradições romanos, torna-se governador da Gália Cisalpina no mesmo período no qual o historiador Tito, que nascido nessa região, seis anos antes dela ser completamente tomada pelo Império Romano, começa ganhar notoriedade em sua produção. Tito Livio, um indivíduo que preservava em seu estilo um certo ar interiorano ou provinciano de sua *Patavium* natal, utilizava o latim de uma maneira não-convencional, não-clássica, caracterizado espirituosamente por Polião como um *patavinitas*, pois, supostamente, quem poderia, assim, entender essa língua?

O latim nunca foi homogêneo dentro dos limites do Império. Existiam vários latins. Figurões como Quintiliano, Asínio Polião, e demais escritores,

² “La celtisation de la France, c’est-à-dire la diffusion de la langue et de la vie matérielle, intellectuelle, morale et religieuse des Celtes, dura plus de mille ans.” (texto original)

³ “Le gaulois va lentement être supplanté par la langue de l’envahisseur, [...] le substrat fut d’une certaine manière assimilé au superstrat latin. On considère que le gaulois s’est maintenu tant bien que mal chez les locuteurs jusqu’au V^e ou VI^e siècle de notre ère.” (texto original)

filósofos, e outros congêneres faziam o uso do **Latim Clássico** ou Literário (*sermo litterarius*, *sermo eruditus*, ou *sermo urbanus*), assim denominada a variante que expressava a norma culta e repleta de regras. É o latim ensinado nas disciplinas de “Estudos Clássicos” mencionado no capítulo anterior. Era o latim que se esperava de Tito Livio. Não era o latim falado por grande parte da população.

A língua cotidiana dos milhares de habitantes do Império era o **Latim Vulgar** ou Popular (*sermo vulgaris* ou *sermo plebeius*), uma língua coloquial, viva e abarrotada de variações dialetais. “Foi naturalmente o latim popular que os soldados romanos trouxeram aos camponeses gauleses”⁴ (BRACHET, 1876, p. 6, tradução nossa), uma vez que era essa estrutura militar, a responsável pela divulgação do idioma às massas, pois a instrução formal do latim em escolas era privilégio somente da elite gaulesa. No caso da Gália, as alterações dialetais do latim vulgar tinham origem céltica, e entre mudanças fonéticas e morfológicas, foram contabilizados 92 empréstimos à língua latina, segundo Stanislav (2021). Contudo, novas mudanças na linguagem aconteceriam. Quatro séculos e meio depois da Gália ser invadida pelos romanos, um novo paradigma linguístico sucederia.

Empobrecimento da população, aumento de impostos e um governo cada vez mais apoiado nos militares, não foi somente uma prerrogativa exclusiva do Brasil nos últimos quatro anos, essa fórmula do fracasso marcou o início da ruína do Império Romano. Enquanto Roma dispunha de estabilidade interna, os povos bárbaros sempre foram mantidos fora de seus limites. “Com o enfraquecimento do Império, porém, a situação mudou, em fins do século IV, começam as grandes invasões, que durarão quase dois séculos.” (BASSETO, 2013, p. 140). A partir de 400 d.C., a Gália será invadida pelos burgúndios (à leste), vândalos, visigodos (à sudoeste), godos e, finalmente, pelos **Francos**, em 486, que expulsaram todos esses bárbaros anteriores, sob o domínio de Clóvis I. Acelerando um pouco a história, *en passant*, Clóvis I será sucedido pelos reis Merovíngios, que posteriormente, serão prosseguidos pela dinastia Carolíngia, até chegar em 768 no seu expoente máximo, Carlos Magno, o Imperador do Sacro Império Romano-Germânico, o *"Pater Europae"* (Pai da Europa), o Rei dos Francos.

⁴ “C'est naturellement le latin populaire que les soldats romains apportèrent aux paysans gaulois [...]” (texto original)

Mas quem são os Francos? Para entender o novo paradigma linguístico que acometeria os falantes galo-romanos do latim vulgar da Gália, foi necessário avançar quase quatro séculos, antes de continuar essa narrativa.

Com um idioma próprio, o **frâncico**, os Francos foram povos germânicos, que invadiram toda a Gália, com exceção de certas regiões ao sul, impondo sua organização militar, seu sistema econômico (o que favoreceria a instauração de um sistema feudal) e seus costumes, conforme afirma Stanislav (2021). Designado de *francus* pelos latinos, etimologicamente, o termo “franco” em língua frâncica significa “homens livres”; por sua vez, “França” em latim *Francia* é o mesmo que “terra dos francos”.

Apesar dessa correspondência etimológica, não é intenção desse capítulo demonstrar como que os francos se transformaram em franceses, pelo menos, não sob o ponto de vista histórico. Sob o viés linguístico, a situação é mais estranha, ou no mínimo, incomum, quando se analisa a história da humanidade. Os bárbaros invasores francos, ainda que impusessem seu estilo de vida à população galo-romana, nunca obrigaram o uso da teutônica língua frâncica, ao contrário do que ocorreu com os gauleses dominados pelos romanos. Por mais incrível que pareça, os francos preferiram adotar o latim vulgar da região. Nesse sentido, Brachet (1880, p. 29) esclarece que

muitas razões também explicam como os Francos trocaram o frâncico pelo latim: em primeiro lugar, o pequeno número de vencedores e a grande superioridade numérica dos vencidos; os grupos francos, que somavam pouco mais de doze mil homens, estavam como que inundados no meio dos seis milhões de galo-romanos que povoavam a Gália. Além disso, se os Bárbaros não tivessem reconhecido o latim, qual língua comum teriam adotado? Não havia, no século V, uma língua germânica uniforme, mas sim, tantos dialetos diferentes (frâncico, burgúndio, gótico, etc.) quantas tribos invasoras. Todas essas razões levaram à adoção do latim. Essa necessidade foi confirmada pela conversão dos Francos ao cristianismo, ato que os obrigou tanto do ponto de vista político quanto religioso a aprender o latim.⁵ (tradução nossa)

⁵ “Bien des motifs expliquent d'ailleurs comment les Franks abandonnèrent le francique pour le latin : on premier lieu le petit nombre des vainqueurs et la grande supériorité numérique des vaincus ; les bandes frankes, qui comptaient un peu plus de douze mille hommes, étaient comme noyées au milieu des six millions de Gallo-Romains qui peuplaient la Gaule. D'ailleurs, si les Barbares n'avaient point reconnu le latin, quelle langue commune eussent - ils adoptée ? il n'y avait point au cinquième siècle de langue allemande uniforme, mais autant de dialectes divers (le francique, le burgonde, le gothique, etc.) que de tribus envahissantes. Toutes ces raisons conduisaient à l'adoption du latin, cette nécessité fut confirmée par la conversion des Franks au christianisme, acte qui les obligeait au point de vue politique comme au point de vue religieux d'apprendre lo latin.” (texto original)

Entretanto, o estreito contato entre estas duas línguas provocou no latim vulgar modificações causadas pelo frâncico. Stanislav (2021) sustenta que houve importantes empréstimos lexicais, fonéticos e gramaticais (presentes, até hoje, na língua francesa). “Chegou-se, assim, a uma época em que esse conjunto de modificações fez com que o latim [vulgar] já não fosse mais entendido. A esse tipo de linguajar se deu o nome de **romance** [...]” (BASSETO, 2013, p. 140, grifo nosso). Ao fim do século VI, “existiam então na Gália quatro línguas distintas: o latim [clássico] (*lingua latina*), o germânico [o frâncico] (*lingua teutonica* [...]), o celta (*lingua gallica*), e finalmente o romance (*lingua romana*)”⁶, como assegura Brunot (1894, p. 11, tradução nossa).

O tempo que se gastou da passagem do romance às línguas românicas é variável. Cada língua neolatina teve sua própria trajetória. Na história da humanidade sobre a linguagem, dificilmente é possível precisar o começo de um idioma. Difícil, mas não impossível. A língua francesa, na fase que seria denominada de **francês arcaico**⁷, começa no século IX. Precisamente, no ano de 842. Mais especificamente, no dia 14 de fevereiro de 842, quando foi redigido o “Juramentos de Estrasburgo” (*Serments de Strasbourg*), tornando assim o francês, o idioma neolatino mais antigo, segundo documentos disponíveis até então encontrados.

Quem diria que uma querela familiar, uma divírcia territorial e uma quimera política seriam o pano de fundo para aquela que é considerada a “certidão de nascimento” da língua francesa? O “Juramentos de Estrasburgo” nada mais é que uma promessa entre os irmãos Carlos, o Calvo e Luís, o Germânico contra o irmão deles mais velho, Lotário I, todos eles, netos de um personagem que apareceu, e não por acaso, no sétimo parágrafo desse capítulo: Carlos Magno.

Como é de praxe em sucessões imperiais, o primogênito Lotário I assumiria o lugar que um dia foi de seu avô Carlos Magno, e que após a morte

⁶ “Il existe à ce moment-là en Gaule quatre langues distinctes : le latin (*lingua latina*), le germanique (*lingua teutonica* [...]), le celtique (*lingua gallica*), enfin le roman (*lingua romana*)” (texto original)

⁷ A periodização das fases da língua francesa nem sempre encontra unanimidade entre os autores pesquisados. São diversos nomes: le protofrançais, l’ancien français, le vieux français, le moyen français, la Renaissance, la Transition, le nouveau français, le français classique, le français moderne. Para o desenvolvimento deste trabalho, serão adotadas três fases: **Francês Arcaico** (séc. IX ao séc. XIII), **Francês Médio** (séc. XIV ao séc. XVI) e **Francês Moderno** (séc. XVII aos dias de hoje).

dele, pertenceu ao seu pai Luís, o Piedoso. Entretanto, os seus dois irmãos Carlos, o Calvo e Luís, o Germânico recusaram sua autoridade e desejavam ter parte neste espólio territorial. Destarte, Carlos ficaria com a parcela ocidental do império (onde, atualmente, localiza-se grande parte do território da França), Luís tomaria posse da porção oriental (terras que se tornaram base da Alemanha) e à Lotário pertenceria uma faixa de terra entre essas duas anteriores (ou seja, onde hoje está o norte da Itália, o leste da França, o oeste da Alemanha, além de Suíça, Luxemburgo e Bélgica).

Essa divisão só ocorreu, pois Carlos e Luís se encontraram em Estrasburgo e prometeram se ajudar mutuamente. Então, Carlos faz o juramento em língua germânica para que o exército de seu irmão Luís o compreenda. Estes soldados respondem nessa mesma língua. Por sua vez, Luís jura fidelidade ao exército de Carlos, em francês arcaico utilizando as seguintes palavras:

“Pro deo amur et pro christian poblo et nostro commun salvament, d'ist di in avant, in quant deus savir et podir me dunat, si salvarai eo cist meon fradre Karlo et in aiudha et in cadhuna cosa, si cum om per dreit son fradra salvar dist, in o quid il mi altresi fazet, et ab Ludher nul plaid nunquam prindrai, qui meon vol cist meon fradre Karle in damno sit”⁸.
(MACHONIS, 1990, p. 117)

E os soldados de Carlos, responde à Luís desta maneira:

“Si Lodhuvigs sacrament, que son fradre Karlo iurat, conservat, et Karlus meos sendra de suo part non lo tanit, si io returnar non l'int pois : ne io ne neuls, cui eo returnar int pois, in nulla aiudha contra Lodhuvig nun li iv er”⁹. (MACHONIS, 1990, p. 118-119)

Evidentemente que os dois fragmentos acima não são nem latim, nem francês moderno. Parece uma mistura entre esses dois idiomas, e no fim acaba não sendo nenhum dos dois. Aparentemente, há palavras conhecidas do latim

⁸ Em português pode ser traduzido assim: “Pelo amor de Deus e pelo bem do povo cristão e nossa salvação comum, a partir deste dia, enquanto Deus me der sabedoria e poder, eu ajudarei meu irmão Carlos com minha ajuda e em todas as coisas, como se deve ajudar seu irmão por igualdade, à condição que ele faça o mesmo por mim, e não farei nenhum acordo com Lotário que, de minha vontade, possa ser prejudicial a meu irmão Carlos.”

Já em francês moderno: “Pour l'amour de Dieu et pour le peuple chrétien et notre salut commun, dorénavant, autant que Dieu me donne le savoir et le pouvoir, je secourrai ce mien frère Charles par aide et en chaque chose, comme on doit secourir son frère, selon l'équité, à condition qu'il fasse de même pour moi, et je ne tiendrai jamais avec Lothaire aucun plaid qui, de ma volonté, puisse être dommageable à mon frère Charles.” (MACHONIS, 1990, p. 117-118)

⁹ Em português pode ser traduzido assim: “Se Luís respeitar o Juramento que ele faz a seu irmão Carlos e se Carlos, meu senhor, por sua vez não o respeitar, se eu não puder dissuadi-lo, nem eu nem nenhum daqueles que eu puder convencer não lhe daremos nenhuma ajuda contra Luís.”

Já em francês moderno: “Si Louis observe le serment qu'il jure à son frère Charles et que Charles, mon seigneur, de son côté, ne le maintient pas, si je ne puis l'en détourner, ni moi ni aucun de ceux que j'en pourrai détourner, nous ne lui serons d'aucune aide contre Louis.” (MACHONIS, 1990, p. 119)

como as preposições “*pro*”, “*in*”, “*cum*”, “*ab*”, e o pronome “*quid*”, outras ligadas à língua francesa, como o possessivo “*son*”; desinências verbais que lembram tanto o francês “*salvarai*”, “*prindrai*”, quanto o latim “*iurat*”, “*conservat*”. Por outro lado, existem pronomes da primeira pessoa do singular que não se encaixam em nenhuma língua como o “*io*” ou “*eo*” que não é nem “*ego*” ou “*je*”, e o “*meon*” que tampouco é um “*mon*” ou um “*meus/meum/meī/meō*”. E por fim, há um sistema de casos que não pertence a nenhuma das declinações do latim, como é o caso de “*Karle/Karlo/Karlus*”.

Apesar de “Juramentos de Estrasburgo” ser considerado o primeiro texto língua francesa, Basseto (2013, p. 227) sustenta que “valor lingüístico [sic] e literário tem a *Cantilène de Sainte Eulalie* [Sequência (ou Cantilena) de Santa Eulália] [...] uma pequena peça litúrgica de 29 versos” composta, aproximadamente, em 880, essa obra poética é o primeiro texto literário em francês.

O francês arcaico não foi uma língua universal e uniforme. Era um conjunto de dialetos divididos em dois grupos: a *langue d’oïl*, falado no Norte daquilo que um dia seria a França, e a *langue d’oc* (ou *occitano*), ao Sul. “Esses nomes bizarros vêm do hábito, frequente na Idade Média, de designar as línguas pelo signo da afirmação *sim*”¹⁰ (BRACHET, 1876, p. 7, tradução nossa). Ou seja, “*oïl*” e “*oc*” são os precursores do “*oui*” francês.

Entre os vários dialetos da *langue d’oc* tem-se o auvernês, o gascão, o limusino, o provençal. Já os dialetos da *langue d’oïl* mais conhecidos considera-se o borgonhês, o champanhês, o loreno, o normando, o picardo, o valão, e o dialeto de *Île-de-France*¹¹. A profusão de dialetos obriga que os documentos oficiais, atos administrativos e o ensino formal em cada província sejam feitos em latim, como demonstra Stanislav (2021). Entretanto, segundo a autora, esses dialetos possuem mais traços comuns do que diferenças.

À princípio, nenhuma dessas manifestações linguísticas do futuro território francês tinha relevância ou alguma projeção. Todavia, após o século XII, o dialeto de *Île-de-France* ganha relevância sobre os outros dialetos da *langue*

¹⁰ “[...]ces noms bizarres proviennent de l’habitude, fréquente au moyen age, de désigner les langues par le signe de l’affirmation *oui* [...]” (texto original)

¹¹ O nome do dialeto falado na *Île-de-France* varia de acordo com os autores pesquisados. São inúmeras denominações: francês, frâncico, *franceis*, *françois* ou *françoys*, *francien*, *francilien*...

d'oïl, e posterior a sua consolidação no Norte, suplanta os dialetos da *langue d'oc* no Sul.

Mas como um modesto dialeto, sem nenhuma notoriedade fora de seus domínios provinciais e que, linguisticamente, estava longe de ser o mais rico, flexível e harmonioso, tornar-se-ia uma língua nacional, oficial e literária? Esse questionamento incrédulo feito por Brachet (1876), Brunot (1894) e Basseto (2013) tem uma resposta muito simples: motivos políticos alçaram Paris a uma centralidade econômica e cultural. E tudo isso aconteceu em um período relativamente breve. Antes do século XIV terminar, todos os outros dialetos foram reduzidos ao status de *patois*¹².

Do ponto de vista interno, importantes e inúmeras mudanças fonéticas, morfológicas e sintáticas aconteceram no francês antigo. Consoante Stanislav (2021), tudo isso é graças às diferentes camadas linguísticas dessa etapa da língua francesa: a base latina, o substrato gaulês e o superstrato germânico. Para se ter uma ideia, são tão vastas essas transformações que seria possível, tranquilamente, escrever um trabalho acadêmico discorrendo somente sobre o francês arcaico. Entretanto, este capítulo citará algumas modificações mais relevantes.

No plano morfológico, houve uma redução dos casos latinos para somente dois casos: o **caso sujeito**, herdado do nominativo latino, e o **caso regime**, herdado do acusativo latino, porém desempenhando todas as outras funções sintáticas que não envolvem o sujeito. Essa redução e transformação dos casos aconteceram por etapas, como demonstra Banniard (1997):

- Etapa I: 1. nominativo; 2. acusativo; 3. ablativo; 4. dativo; 5. genitivo;
- Etapa II: 1. nominativo; 2. acusativo; 3. ablativo; 4. caso sintático transitório;
- Etapa III: 1. nominativo; 2. acusativo; 3. caso sintático transitório;
- Etapa IV: 1. caso sujeito; 2. caso régime (direto/indireto);

O vocativo latino, segundo Grevisse (1988) já tinha desaparecido da oralidade das pessoas, antes mesmo do início do francês arcaico.

¹² Em português, patoá. Diz-se de um idioma que não é mais escrito, e sim, somente falado. Palavra surgida na época do francês arcaico, que pejorativamente, segundo Jonh Orr, em "*Étymol. et sém. du mot patois*" in *Essais d'étymol. et de philol. fr.*, Paris, 1963, pp. 61–75, patois significa "*agitar as mãos, gesticular (para se fazer compreender)*" e "comportamento grosseiro".

Além da redução dos casos latinos, Sengler (1883) menciona outras mudanças, tais como, a supressão do gênero neutro, o aparecimento dos artigos definidos, e a criação dos advérbios terminados em *-ment*. Já Stanislav (2021, p. 15, tradução nossa) salienta que “a unificação e simplificação das formas verbais, iniciadas no romance, foram interrompidas no francês arcaico, pela ação de várias leis fonéticas”¹³. É também por conta dessas transformações fonéticas que a tonicidade proparoxítona muito comum no latim se desloca, tornando a língua francesa, predominantemente, oxítona.

A partir da consolidação do dialeto de *Île-de-France*, por volta de 1330, a língua francesa, agora sim, chamada de língua francesa entra em uma nova fase, o **francês médio**. A franca expansão do Reino da França, ocupando cerca de 75% do atual território francês, seu desenvolvimento econômico, e político-administrativo, demandará uma só língua como meio de comunicação unificante, capaz de penetrar em todas as esferas da vida francesa, conforme defende Stanislav (2021).

Serão tempos contraditórios para o latim. Por um lado, esse idioma ficará enclausurado somente à Igreja Católica e ao cientificismo das universidades, sendo banido do âmbito administrativo francês, como foi expresso no texto legislativo “Decreto de Villers-Cotterêts” (*Ordonnance de Villers-Cotterêts*) promulgado pelo rei da França, Francisco I, em 25 agosto de 1539:

*“Article 111 : De prononcer et expedier tous actes en langage françoys et pour ce que telles choses sont souventes foys advenues sur l'intelligence des motz latins contenuz [...] Nous voulons que doresnavant tous [...] actes [...] soient prononcez, enregistrez et delivrez aux parties en langage maternel francoys et non aultrement”*¹⁴
(CRAPELET, 1836 / 2014, p. 48)

E, de acordo com o *Légisfrance* - o serviço público de difusão das leis da República Francesa, esse decreto permanece até hoje. É o mais antigo texto legislativo, ainda em uso na França.

Já por outro lado, “esta introdução do francês a novos domínios exigirá um enriquecimento do vocabulário: muitas palavras serão emprestadas do

¹³ “L'unification et simplification des formes verbales, commencées en LP, furent interrompues en AF par l'action de diverses lois phonétiques [...]” (texto original)

¹⁴ Em português pode ser traduzido assim: “Artigo 111: Para pronunciar e escrever todos os atos em francês, e porque tais coisas têm acontecido com muita frequência, sobre o [mal] entendimento das palavras latinas usadas [...] Nós queremos que doravante todos os [...] atos [...] sejam pronunciados, publicados e notificados às partes na língua materna francesa, e não de outra maneira.”

latim.”¹⁵ (GREVISSE, 1988, p. 14, tradução nossa). Paralelamente à expansão da língua francesa, acontecia o Renascimento, e por consequência, o inevitável interesse pela Idade Antiga fomentou as atividades dos tradutores de obras clássicas em latim para o francês, causando assim, o mesmo efeito da disseminação da língua francesa: “não podendo encontrar equivalentes na língua francesa, os tradutores tomaram emprestado do latim as palavras que não poderiam traduzir.”¹⁶ (STANISLAV, 2021, p. 24, tradução nossa).

Destarte, como exemplifica Stanislav (2021), o latim exercerá influência nos campos do léxico, da sintaxe e da ortografia. Lexicalmente, por exemplo, haverá tanto a formação de novas palavras de mesma origem latina, mas com radical francês diferente (*mère/maternité; eau/aquatique*), quanto o afrancesamento de palavras latinas, rejeitando suas terminações *-a, -is, -ium, -ius, -us*, trocando-as pela típica desinência francesa *-e* (*ruine/ruine; classis/classe; prodigium/prodige; principius/principe; uniuus/unique*). Sintaticamente, a construção frasal será mais complexa, utilizando-se a subordinação, exigindo-se assim a construção de novas conjunções baseadas em modelos latinos. E por fim, ortograficamente, para as palavras francesas continuarem próximas das latinas, a grafia delas permanecerá basicamente como era no francês arcaico, todavia, sua pronúncia continuará mudando. Basseto (2013) afirma que essa relatinização da língua francesa, durante o período do francês médio, conseguiu eliminar muitas características atribuídas à influência do superstrato germânico.

Por terem resolvido fixar a grafia das palavras em detrimento da sempre volúvel pronúncia, o sistema fonético no francês médio se desenvolveu abundantemente, transbordando exemplos que perduram até hoje. Para citar alguns exemplos, foi nesse período que os dois ‘l’ de *famille, fille, travaille*, transformaram-se no fonema [j]; que uma meia dúzia de consoantes no fim das palavras deixaram de ser pronunciadas: o ‘t’ de *petit*, e da terminação *-ment*, o ‘p’ de *champ, trop* e *beaucoup*; o ‘s’ que vira som de ‘z’ quando a palavras posterior é uma vogal; o ‘r’ dos infinitivos.

É também, pela fonética, que se explica algumas inovações, deste

¹⁵ “Cette introduction du français dans des domaines nouveaux exigeait un enrichissement du vocabulaire : de nombreux mots sont empruntés au latin.” (texto original)

¹⁶ “Ne pouvant pas trouver d’équivalents dans la langue française, les traducteurs empruntaient au latin les mots qu’ils ne pouvaient traduire.” (texto original)

período, em outras áreas. O 't' que aparece nas formas verbais interrogativas de "aime-t-il?", "va-t-il?", e a obrigatoriedade do pronome pessoal sujeito, são alguns desses exemplos.

E se o francês médio ficou conhecido pela relatinização da língua francesa, será nesse período que a influência clássica do latim sofrerá o seu mais duro golpe. O desaparecimento definitivo do sistema de declinação de casos, especificamente o caso sujeito, será o fenômeno mais importante ocorrido no francês médio, consoante assegura Grevisse (1988).

Em um período marcado pela franca expansão da língua francesa, pela efervescência de novas palavras, e pelas liberdades subjetivas da literatura em desenvolvimento dos poetas da Plêiade, a padronização da linguagem beirava ao caos, como criticava Brunot (1894):

O uso das diferentes formas não é bem determinado. O feminino é substituído pelo masculino, palavras invariáveis tomam os plurais, a sensação de declinação desaparece, os casos se misturam, na maioria das vezes o caso regime suplanta o caso sujeito, a conjugação se confunde, a forma dos advérbios é modificada por uma alteração que ocorreu na formação do feminino dos adjetivos, consequentemente a sintaxe fica confusa, o artigo é usado ou suprimido sem motivo, as preposições comutam os casos, e como o novo uso não substitui repentinamente o antigo, e as estritas regras da construção moderna não são impostas da noite para o dia, as frases às vezes são obscuras, sem poder declará-las incorretas, pois não há mais correção. Encontrar-se-á, mais tarde, os detalhes de todas essas novidades, e também ver-se-á pelos exemplos como as várias formas, as diferentes construções coexistiram enquanto a linguagem se transformava com todo tipo de hesitações, tentativas [e erros].¹⁷ (tradução nossa)

Posto isso, tem-se nesse período a publicação da primeira gramática em língua francesa "*Traité de la grammaire française*", em 1550 por Louis Meigret.

O caótico *freestyle* linguístico oriundo do empanturramento, sobretudo, lexical de uma língua francesa considerada pobre contrastará, no século XVII, com o "*cogito, ergo sum*" do racionalismo cartesiano e com o "*l'État c'est moi*" do absolutismo monárquico do pomposo, longevo e irradiante Rei Luís XIV. É nesse

¹⁷ "L'emploi des différentes formes n'est pas mieux déterminé. Des féminins sont remplacés par des masculins, des mots invariables prennent des pluriels, le sentiment de la déclinaison s'en va, les cas se mélangent, le plus souvent le régime supplante le sujet, la conjugaison se trouble, la forme des adverbes est modifiée par un changement sur venu dans la formation du féminin des adjectifs, conséquemment la syntaxe s'embrouille, l'article s'emploie ou se supprime sans raison, les prépositions remplacent les cas, et comme le nouvel usage ne se substitue pas d'un seul coup à l'ancien, que les règles strictes de la construction moderne ne s'imposent pas en un jour, les phrases sont parfois obscures, sans qu'on puisse les déclarer incorrectes, car il n'y a plus de correction. On trouvera plus loin le détail de toutes ces nouveautés, et l'on y verra aussi par les exemples comment des formes diverses, des constructions différentes coexistèrent pendant que la langue se transformait avec toutes sortes d'hésitations et de tâtonnements." (texto original)

contexto que se inaugura a última e atual fase da língua francesa, o **francês moderno**.

O reinado do *Le Roi Soleil* não foi somente um acontecimento administrativo, como explica Stanislav (2021). Foi além de tudo, uma experiência estética que circunscrevia todas as manifestações culturais ditas nobres (arquitetura, literatura, pintura e música) e que se consubstancializava imagetivamente no opulento Palácio de Versalhes, ansiando o objetivo de fortalecer e glorificar o poder real, desenvolvendo e formando, assim, sua ideologia.

Língua também é uma ferramenta de poder, sobre a qual, deve imperar um padrão estético, uma norma inteligível. Se no francês médio a meta era enriquecer o léxico, no francês moderno o intento será estabilizar e regulamentar o vocabulário. Este será “o período da normatização e da padronização da língua nacional literária escrita.”¹⁸ (STANISLAV, 2021, p. 41, tradução nossa).

Alguns teóricos serão importantes nessa empreitada. Interpretando essas novas exigências, François Malherbe declara “que existe uma regra de linguagem que é obrigatória para todos, sem exceção; ninguém, nem mesmo o rei, tem o direito de mudar nada”¹⁹ (STANISLAV, 2021, p. 42-43, tradução nossa). Ao perseguir um estado de purismo da língua, com regras rígidas, invioláveis e restritivas, aprofundou-se o abismo entre a língua literária e a língua falada, repetiu-se a história já vivida no Império Romano. É trilhando esse mesmo caminho que, ao elaborar a primeira gramática da Academia Francesa (*Académie Française*), fundada em 1635, Claude Favre de Vaugelas exprime sua intenção de “limpar a língua da imundície que havia contraído na boca do povo ou na multidão do Palácio; é por isso que, ao compor este dicionário, rejeitar-se-á palavras [...], todos os dialetismos e arcaísmos.”²⁰ (STANISLAV, 2021, p. 43, tradução nossa).

Esses esforços puristas não foram em vão. “A língua francesa atingiu no

¹⁸ “[...] la période de la normalisation et de la standardisation de la langue nationale littéraire écrite.” (texto original)

¹⁹ “[...] qu’il existe une règle du langage qui est obligatoire à tous sans exception; personne, pas même le roi, n’a le droit d’y rien changer.” (texto original)

²⁰ “[...] nettoyer la langue des ordures qu’elle avait contractée soit dans la bouche du peuple, soit dans la foule du Palais; c’est pourquoi en composant ce dictionnaire on a rejeté les mots sales [...], tous les dialectismes et archaïsmes.” (texto original)

século XVII uma tal perfeição que serviu de modelo para outras línguas europeias”²¹ (STANISLAV, 2021, p. 41, tradução nossa), e destronou o latim clássico do lugar que até então ocupava como língua universal.

Em termos práticos, a evolução da língua francesa foi bem mais tímida quando comparada com as duas fases anteriores. Mais do que modificações, houve resoluções.

Como explicará Stanislav (2021), foneticamente, continua o processo da queda da pronúncia das consoantes finais das palavras, como o ‘c’ de *blanc*. Todavia, houve outros processos um pouco mais insólitos. Os gramáticos determinaram, e foi a gota d’água para a pronúncia flutuante de *eau*. Originalmente um tritongo, sofreu ditongação [eo] no século XVI, e monotongação [o] no século XVII. No fim do século XVIII, estendeu-se essa regra para palavras com terminação *-eau*. Outro exemplo é o triunfo de *foi*, *loi* e *roi* (fé, lei e rei). Anteriormente o ditongo pronunciado era [wɛ]. Somente no fim do século XVIII será fixada a pronúncia [wa]. Já morfologicamente, para citar um caso, colocou-se ordem na casa, e se regulamentou o uso dos verbos auxiliares; *avoir* (ter) para os verbos transitivos, e *être* (ser) para os intransitivos e pronominais. E para finalizar com exemplos ortográficos, os gramáticos se preocuparam em determinar o gênero de algumas palavras. Por um lado, tenderam a feminilizar os empréstimos das línguas estrangeiras (que naquele momento não mais se resumia ao latim, tendo exemplares em italiano, espanhol, etc...) terminando-os com a letra ‘e’. Por outro, considerou-se justas todas as formas de *amour*, que é masculino no singular, e feminino no plural, como pode ser comprovado por Grevisse (1988) em sua obra “*le bon usage*”.

Em suma, a fim de sedimentar todas essas informações, carece uma breve recapitulação, aos moldes de Brachet (1876). O Latim Vulgar transportado para a Gália pela força militar de Roma, rapidamente suplantou a língua nativa, o gaulês, que ainda duraria uns seis séculos, e deu origem, por lentas e imperceptíveis transformações, a um novo idioma, o romance, ao qual os bárbaros francos acrescentaram um certo número de palavras germânicas. Esta língua românica, entrando na fase que se convencionaria chamar de francês

²¹ “La langue française atteignit au siècle une telle perfection qu’elle servit de modèle aux autres langues européennes.” (texto original)

arcaico, é dividida por volta do século VIII em dois ramos: a *langue d'oc* ao sul, e ao norte a *langue d'oïl*, da qual um dos vários dialetos, o da *Île-de-France*, sobrepuja, pouco a pouco, todos os outros e tornou-se, no século XIV, Língua Francesa.

Isto posto, faz com que o francês, seja a língua românica mais diferenciada sob vários aspectos, a que mais se distanciou da língua mãe latina, apresentando assim uma forte evolução, conforme concluem, respectivamente, Basseto (2013), Störig (2003) e Banniard (1997).

2.1. PRONOMS RELATIFS

Os quatro **pronomes relativos simples** na língua francesa, **qui**, **que**, **dont** e **où** são uma dessas características linguísticas que conservam laços muito estreitos com os originais da língua latina. Entretanto, somente dois desses pronomes eram, de fato, pronomes relativos. Outros dois foram **remanejados**.

Os pronomes relativos evitam repetições ligando duas sentenças. Eles substituem um substantivo ou pronome chamado pelos gramáticos de “antecedente”, que geralmente, é colocado antes dele.

Invertendo a tradicional ordem proposta pelas gramáticas e manuais didáticos, o primeiro *pronom relatif* aqui apresentado será o *où*. Utilizado, atualmente, para exprimir relações de lugar e de tempo, *où* se originou do advérbio latino de lugar **ubi**, conforme explica Brunot (1894). Para o autor, embora desde o francês arcaico *où* fosse já utilizado como *pronom relatif*, será somente no século XVIII, que este ex-advérbio latino se tornará mais frequente substituindo o pronome *lequel* que começa a cair em descrédito.

Outro, que outrora era um ex-advérbio latino de lugar, é o *dont*, empregado, hoje em dia, para substituir um complemento (substantivo, adjetivo, verbo) que necessariamente é introduzido pela preposição *de*. E o motivo desse *pronom relatif* ser utilizado com palavras regidas pela preposição *de*, encontra explicação no latim.

Dont vem do latim *de unde*, uma forma adverbial composta. *Unde* tornou-se *unt*, *ont*, *ond* na *langue d'oïl* e *ont* na *langue d'oc*, de acordo com Chevallet (1858). Grevisse (1988) afirma que essa composição com a preposição *de* é pleonástica, uma vez que *unde* já continha em si a ideia dessa preposição, como por exemplo em *Ea pars caeli unde söl occidit dicitur occidēns* (Essa parte do

céu **de onde**²² se põe o sol é denominada oeste). Sengler (1883) explica que após sucessivas transformações *d'ond*, *don*, *dond*, *dunt*, a forma se consolida em *dont* no século XVI.

Os únicos dois *pronoms relatifs* derivados dos *prōnōmina relātīva* latinos, são *qui* e *que*. E essa derivação é muito claro perceber (Quadro 1):

QUADRO 1 – *Prōnōmina Relātīva*, casos nominativo e acusativo; e *Pronoms Relatifs*, casos sujeito e regime.

caso	latim						francês arcaico	
	singular			plural			caso	invariável
	masc.	fem.	neut.	masc.	fem.	neut.		
nom.	quī	quæ	quid / quod	quī	quæ	quæ	sujeito	ki, qui
acc.	quem	quam	quod	quōs	quās	quæ	regime	ke, que

Fonte: adaptado de Brunot (1894).

Como pode ser observado pelo quadro acima, as declinações dos *pronoms relatifs* franceses foram consideravelmente simplificadas. Suprimiram os gêneros feminino e neutro, além da forma plural. Enquanto *qui* é uma forma derivada do **nominativo** *quī*, o pronome relativo *que* veio do **acusativo** *quem*, todos dois masculino e singular, segundo explana Clédat (1889). E assim como seus originais latinos, os usos dos *pronoms relatifs* são rigorosamente iguais: *qui* substitui o **sujeito**; *que*, por sua vez, o complemento de **objeto direto**.

- *Servus quī saccum portat est Cornēlius.* (**quī** nominativo)
Le serviteur qui porte le sac est Corneille. (**qui** substituindo o sujeito)
- *Filia quam māter vocat est Aurēlia.* (**quam** acusativo)
La fille que la mère appelle est Aurelie. (**que** substituindo o objeto direto)

Por isso, saber o correto emprego de *qui* e *que* na língua francesa, é uma tarefa extremamente fácil para aquele estudante que entendeu os *prōnōmina relātīva* latinos. Lastimavelmente, ao que tudo indica, essa não parece ser a realidade de grande parte dos alunos que, não atinam para uma análise sintática e, patinam no uso correto dos pronomes relativos seja qual for a língua estudada.

²² Brachet (1876, 1880) assegura que essa acepção “de onde” foi usada pela língua francesa até o século XVIII.

Aparentemente, essa confusão não é exclusividade do público atual. Ampère (1869, p.126, tradução nossa) adverte que “na língua antiga, [...] nos monumentos mais antigos, encontramos por confusão *que* ou *ke* usado como sujeito.”²³ (grifo do autor).

Embora não seja o objetivo deste trabalho acadêmico causar polêmicas, faz-se necessário deixar registrada uma ponderação cautelosa: no latim, é muito mais fácil diferenciar os usos dos pronomes relativos, quando se compara com a língua francesa.

À princípio, parece contraditório. Para as duas possibilidades *qui* e *que* no francês, existem doze no latim. Se incluir *dont* e *où* serão quatro, enquanto, se se considerar todos os outros casos latinos, somar-se-ão trinta opções. Apesar desse desequilíbrio numérico, o latim é uma língua sintética (ao contrário do francês que é uma língua analítica) baseado em um sistema de desinências, tornando assim a tarefa de análise sintática mais descomplicada, ou talvez, até mesmo desnecessária. Nos exemplos acima, é notório que os verbos (*portat/porte* e *vocat/appelle*) “necessitam de um alvo”. Esse “alvo” no latim é o caso acusativo, demarcado por desinências específicas. Uma vez identificada, se a desinência aparece ou não na oração, torna-se automático qual *prōnōmen relātivum* deverá ser escolhido. Na língua francesa, o “alvo” é o complemento de objeto direto, mas não há nenhuma desinência que o diferenciará com o sujeito.

Em suma, diante de dois *pronoms relatifs* o *qui* e o *que*, bem semelhantes aos seus originais latinos, o desafio para o francês é explicitar em que lugar esse alvo está.

2.2. LES POSSESSIFS

Os **possessivos** na língua francesa são um desses aspectos linguísticos do qual seria possível extrair muitas histórias. Mas isso não será feito. E o motivo para tal, até o fim deste item, será fácil compreender.

Como diria Teyssier et al. (2004), existe no francês uma dupla série de possessivos: a “**série mon**” (Quadro 2) conhecida tradicionalmente como **adjectifs possessifs** (forma átona ou “fraca”) e, a “**série le mien**” (Quadro 3) denominada de **pronoms possessifs** (forma tônica ou “forte”). A diferença entre essas duas séries, é que enquanto os **adjectifs possessifs** precedem os substantivos, modificando-os para indicar uma relação de posse ou associação,

²³ “[...] dans l'ancienne langue, [...] dans les monuments les plus anciens, on trouve par confusion *que* ou *ke* employé comme sujet.” (texto original)

os *pronoms possessifs* substituem um substantivo precedido de um *adjectif possessif*, com o objetivo de evitar repetição:

- *Je ne trouve pas **mon** téléphone. Tu peux me prêter **le tien** (le tien: ton téléphone)?* (Eu não consigo encontrar **meu** telefone. Você pode me emprestar **o teu**?)

Essa dupla série diverge do original *prōnōmina possessīva* latino (Quadro 4), o qual era somente um sistema, assim como o seu correspondente em língua portuguesa, denominado **pronome possessivo**, entretanto, ao contrário do francês, é forma átona.

QUADRO 2 – “Série *Mon*”, *Adjectifs Possessifs* (forma átona)

		singular		plural	
		masculino	feminino*	masculino	feminino
uni possessivo	1ª pess.	mon*	ma	mes	
	2ª pess.	ton*	ta	tes	
	3ª pess.	son*	sa	ses	
pluri possessivo	1ª pess.	notre		nos	
	2ª pess.	votre		vos	
	3ª pess.	leur		leurs	

*Em palavras femininas iniciadas por vogal ou ‘h’ mudo, utiliza-se a forma masculina.

Fonte: adaptado de Grevisse (1988).

QUADRO 3 – “Série *le Mien*”, *Pronoms Possessifs* (forma tônica)

		singular		plural	
		masculino	feminino	masculino	feminino
uni possessivo	1ª pess.	le mien	la mienne	les miens	les miennes
	2ª pess.	le tien	la tienne	les tiens	les tiennes
	3ª pess.	le sien	la sienne	les siens	les siennes
pluri possessivo	1ª pess.	le nôtre	la nôtre	les nôtres	
	2ª pess.	le vôtre	la vôtre	les vôtres	
	3ª pess.	le leur	la leur	les leurs	

Fonte: adaptado de Grevisse (1988).

QUADRO 4 – *Prōnōmina Possessīva*, casos nominativo e acusativo.

			singular		plural	
			masculino	feminino	masculino	feminino
uni possessivo	1 ^a pess.	nom.	meus	mea	meī	meæ
		acc.	meum	meam	meōs	meās
	2 ^a pess.	nom.	tuus	tua	tuī	tuæ
		acc.	tuum	tuam	tuōs	tuās
	3 ^a pess.	nom.	suus	sua	suī	suæ
		acc.	suum	suam	suōs	suās
pluri possessivo	1 ^a pess.	nom.	noster	nostra	nostrī	nostræ
		acc.	nostrum	nostram	nostrōs	nostrās
	2 ^a pess.	nom.	vester	vestra	vestrī	vestræ
		acc.	vestrum	vestram	vestrōs	vestrās

Fonte: adaptado de Chevallet (1858).

Quando se analisa os quadros acima, pelo menos duas questões vêm à tona: I- De onde surgiram o *leur/leurs*, se no latim não há a 3^o pessoa pluripossessiva? II- Por que se troca o gênero do *adjectif possessif* quando se há uma palavra feminina iniciada em vogal ou letra ‘h’, se essa ideia não existia no latim? Para a primeira pergunta, a resposta está no latim; para a segunda, é preciso recorrer ao francês arcaico e médio.

As formas possessivas (*le*) *leur/(les) leurs* vieram **remanejadas** do *prōnōmen dēmōnstrātivum* latino do caso genitivo no masculino plural *illōrum*. E mesmo que o *leur/leurs* não tenha uma origem genuinamente possessiva, essas duas palavras, dentro de todos os possessivos franceses, são as que mais conseguiram conservar uma pureza racional do latim, pois ao serem remanejadas, não sofreram influência bárbara, nem foram reduzidas à dois casos arcaicos, e tampouco, relatinizaram-se depois. E é muito fácil entender isso.

*Illōrum*²⁴ pode ser traduzido por “daqueles” e como todos sabem, o caso genitivo latino carrega em si, uma autêntica ideia de posse. Por exemplo, a

²⁴ O nominativo ao qual *illōrum* pertence é *ille, illa, illud* que significam respectivamente “aquele”, “aquela”, “aquilo”.

essência de *Magistra illōrum discipulōrum* (A professora daqueles alunos) está contida em *Leur professeure* (Sua professora ou A professora deles). Ou seja, tanto o *illōrum*, quanto o *leur* indicam que existe mais de um agente “possuindo” a professora.

A transformação de *illōrum* à *leur* foi lenta e gradativa. Clédât (1889) sustenta que em um primeiro momento desapareceu a sílaba *il-*, e posteriormente, a parte átona *-um*. *Lōr* foi *lor*, *lur*, *lour*, até se tornar *leur*, e todas essas formas coexistiram no francês arcaico. Durante muito tempo, foi um possessivo invariável. A desinência *-s* começa a aparecer somente no século XII, segundo Brunot (1894), e só se consolida já na época do francês moderno, no século XVII, conforme alega Grevisse (1988).

Sobre o segundo questionamento, talvez a melhor forma de elaborar a pergunta, a fim de evitar respostas fáceis do tipo “não pode vogal com vogal”, “é feio”, “o som não fica legal”, é lançar uma comparação: Por que a exemplo do artigo definido feminino singular *la* (acontece com o masculino *le* também) que sofre uma elisão quando a próxima palavra é iniciada com vogal ou com ‘h’, como em *l’anxiété*, *l’histoire* e *l’imagination* (a ansiedade, a história e a imaginação), que não é *la anxieté*, *la histoire* e *la imagination*, o mesmo não ocorre com os *adjectifs possessifs ma*, *ta* e *sa*, produzindo formas como *m’anxiété*, *t’histoire* e *s’imagination*?

A surpresa para essa pergunta é que isso já aconteceu. Até o século XII, o francês não cometia esse tipo de solecismo. A língua era óbvia. Combinava *adjectif possessif* feminino com substantivo feminino. De maneira bem racional.

Brachet (1876, 1880) e Brunot (1894) utilizando sempre os mesmos exemplos de *l’amour*, *l’âme*, *l’épée* e *l’amie* (o amor, a alma, a espada e a amiga), contam que houve um tempo que essas palavras eram escritas *m’amour*, *m’âme*, *t’épée* e *s’amie* fazendo assim a elisão com *adjectif possessif* feminino.

Acontece que a partir do século XIII, devido a uma corrupção ortográfica, *m’amie* se transformou em *ma mie*, *t’amour* em *ta mour*, produzindo palavras que não existiam, como *mie*, *mour*.

E assim, para resolver esse problema, cometendo um solecismo e abandonando a elisão, desde o século XV, os masculinos *mon*, *ton* e *son* foram **remanejados**, acompanhando assim, substantivos femininos.

Contudo, o tópico mais instigante não é possível de ser respondido. É

frustrante, quando se analisa os três quadros acima, e se tenta entender a razão de existir dois sistemas de possessivos em francês se há somente um sistema latino. As bibliografias pesquisadas não trazem um conteúdo unânime, o que torna essa história ainda mais confusa, explicitada pelos seguintes pontos enumerados:

I. Até o século XVI, os possessivos da “série *le mien*”, eram vistos ocupando a função de *adjectifs possessifs* juntos com da “série *mon*”. O inverso nunca foi verdadeiro. E não há explicação sobre o motivo desses possessivos tônicos serem definitivamente **remanejados** de *adjectifs* para *pronoms*;

II. A única premissa indubitável é que *mon*, *ton* e *son*²⁵ vieram do acusativo latino *meum*, *tuum* e *suum*. Já para *notre* e *votre*, Chevallet (1858) e Sengler (1883) afirmam que a regra muda, e que nesse caso a origem foi o nominativo *noster* e *vester*. *Vester* que, por sua vez, já tinha sido transformado em *voster*, ainda na época do latim vulgar;

III. No caso de *mien*, *tien* e *sien* existem quatro versões sobre sua procedência. A variante majoritária assegura o mesmo raciocínio empregado para *mon*, *ton* e *son*: a origem está no acusativo latino *meum*, *tuum* e *suum*. Entretanto, Sengler (1883) tem uma segunda hipótese: *mien*, *tien* e *sien* vieram das formas *men*, *ten* e *sen* do dialeto picardo, e fazendo uma analogia com idioma alemão *mein*, *dein* e *sein*, conclui haver alguma influência bárbara germânica. As duas últimas versões envolvem o sufixo *-en*. Ampère (1869) garante que *mien*, *tien* e *sien* procedem dos nominativos *meus*, *tuus* e *suus* com a adição do referido sufixo. E para finalizar, Brachet (1880) sustenta a opinião de que os dativos *mihi*, *tibi* e *sibi* dos latinos *prōnōmina persōnālia* reduzidos em *mi*, *ti* e *si*, no século XI, juntaram-se com o sufixo *-en* e assim se fez *mien*, *tien* e *sien*;

IV. *Mienne*, *miens* e *miennes* não existiam. Brunot (1894), Clédât (1889) e Chevallet (1858) são categóricos ao dizer que esses pronomes foram **inventados**, no século XIV, tendo como referência a forma masculina do singular *mien*. Os originais femininos no singular *meie* e *moie*, e no plural, *meies* e *moies* foram **descartados**. Não existia masculino plural. Esse mesmo raciocínio se

²⁵ Toda vez que se citar o masculino singular, também está incluso a forma feminina e seus plurais. Exceto para *mien*, *tien* e *sien*.

aplica ao *tien* e *sien*;

V. Para quem defende que *mon* e *mien* resultaram do latino *meum*, a explicação por existir duas palavras com grafias diferentes, é fonética. Clédât (1889) relata que ao perder sua primeira vogal, o acusativo *meum* resultou na forma átona *mon*. Por sua vez, Basseto (2010) discorre que nos casos em que esse ‘e’ era pronunciado de maneira longa e aguda, ele sofreu ditongação ‘ie’, dando origem à forma tônica *mien*. Novamente, esse mesmo raciocínio se aplica ao *tien* e *sien*;

VI. *Mon* e *mien* coexistiram dentro do caso regime do francês arcaico. E junto com eles, analisando todas as formas resultantes do masculino singular dos casos latinos nominativo e acusativo *meus* e *meum*, ainda se tinha os seguintes possessivos: *meos*, *mes*, *mis*, *meon*, *mun* e *men*;

VII. Ao contar os possessivos que apareceram em todos²⁶ os autores pesquisados, nos casos sujeito e regime do francês arcaico, tem-se um número aproximado de 108 possessivos contra as atuais 48 possibilidades do francês moderno, juntando a “série *mon*” e a “série *le mien*”. É bem certo que no latim, contabilizavam-se 150 formas dentro de todas as declinações dos *prōnōmina possessīva*, porém, eram cinco casos e três gêneros. Havia um número desproporcional de possessivos na primeira fase da língua francesa, mesmo porque, 150 menos uma redução de sessenta por cento de cinco casos, mais uma redução de um terço de três gêneros, é igual a uma conta complicada. Mas, proporcionalmente, a resposta não deveria ser 108;

VIII. Se analisar o quadro da “série *mon*”, perceberá uma quebra de padrão na primeira e segunda pessoa do pluripossessivo. Por que o plural de *notre* e *votre* não é “*notres*” e “*votres*” ou o singular de *nos* e *vos* não é “*no*” e “*vo*”? Parece absurdo, mas essas formas já existiram, segundo Brunot (1894);

IX. Para Brachet (1880) e Sengler (1883) *nos* e *vos* se originaram do acusativo latino *nostrōs* e *vestrōs* através de sucessivas reduções;

X. A diferenciação entre *notre* e *votre* da “série *mon*” e *nôtre* e *vôtre* da “série *le mien*” por meio do acento circunflexo é para marcar a tonicidade, uma vez que, que os primeiros devem ser átonos, e os segundos, tônicos, conforme explica

²⁶ Ampère (1869), Brachet (1876, 1880), Brunot (1894), Chevallet (1858), Clédât (1889) e Sengler (1883).

Brachet (1880) e Clédat (1858). Entretanto, de acordo com Grevisse (1988), foi somente em 1742 que a *Académie Française* estabeleceu a distinção fonética que existe hoje: *notre* [nɔtr(ə)] e *nôtre* [notr(ə)].

Como visto acima, as histórias são muitas e as certezas são poucas. Evidentemente, há mais lacunas do que esclarecimentos.

2.3. ARTICLES PARTITIFS

Para alguém que tem o português como o idioma materno, o **artigo partitivo** na língua francesa é um desses aspectos que pode ser difícil de se compreender, pelo simples fato, de não existir essa referência na língua portuguesa. E talvez, essa dificuldade de compreensão não seja somente sintática. Talvez seja também morfológica e histórica.

O termo *partitif* é derivado da palavra em latim *partitus*, participio do verbo *partiri*, que significa “dividido em partes”. E apesar de toda essa etimologia latina, não existia artigo partitivo no latim.

E aliás, seja ele partitivo, definido ou indefinido, por ser uma língua sintética, o latim não possuía nenhum tipo de artigo. Segundo Grevisse (1988), o *article partitif* só surgiria na etapa do francês médio. Então parece ser paradoxal querer abordar sobre os *articles partitifs*, se historicamente esse tipo de estrutura não era usada. Não é. Mas para isso tudo fazer algum sentido, é necessário expor outra contradição.

Representado pelas formas **du** (*de + le*), **de la**, **de l'** e **des** (*de + les*) (respectivamente, masculino singular; feminino plural; masculino ou feminino singular antes de substantivo iniciado com vogal ou 'h'; plural), os *articles partitifs* expressam uma ideia de quantidade indeterminada de um todo, ou seja, uma parte imprecisa. “Portanto, tem, estritamente falando, o significado de um artigo indefinido. E, no entanto, por uma contradição aparentemente singular, suas formas são as do artigo definido.”²⁷ (BRUNOT, 1894, p. 371, tradução nossa).

- *À midi, je mange du poulet, de la salade. Je bois de l'eau ou des jus de fruits. Mais, je ne mange pas de fromage.*

Brunot (1894) ainda afirma que, analogamente à *beaucoup de*, *peu de*, *trop de*, no negativo completo *pas de* não há sentido de partitivo, por se tratar de

²⁷ “Il a donc à proprement parler le sens d'un article indéfini. Et cependant, par une contradiction en apparence singulière, ses formes sont celles de l'article défini :” (texto original)

uma quantidade determinada. Por contraditório que possa parecer, a ausência de tudo é uma quantidade precisa.

Morfologicamente, como artigo, o partitivo nunca existiu no latim, todavia, a partição como intenção, sim. Seja pelo caso genitivo em *multum temporis* (muito do tempo) e *nemo hominum* (nenhum dos homens), seja pelo acusativo do latim literário em *aquam bibere* e *panem edere* ou pelo ablativo do latim vulgar em *bibere de aqua* e *comedere de pane*, Basseto (2010) defende a existência da partição no período latino. E prosseguindo, reitera que esse uso popular perdurou, pela Gália, até o século VI, voltando a ser usado pelo francês no século XVI. Ou seja, o partitivo, durante um milênio, foi **descontinuado**.

E esse regresso milenar parece ser mais por motivos fonéticos, do que sintáticos. Para Basseto (2010, p. 231), o artigo partitivo retornou “como meio de distinguir o singular do plural, devido à não pronúncia do /-s/.” O autor não explica o seu raciocínio, mas provavelmente, ele refere-se à distinção entre a preposição *de* e o artigo *des*. É aqui que surge outra confusão, se comparar a declaração de Basseto (2010) com as informações de Brachet (1876), Sengler (1883) e Clédat (1889), de acordo com os fragmentos abaixo:

FIGURA 1 – Fragmento de “*Nouvelle grammaire Française: Fondée sur l’histoire de la langue*”.

494. Quand le nom pris dans un sens partitif est précédé d’un adjectif, l’article se remplace par la préposition *de* : *Je mange de bon pain.*

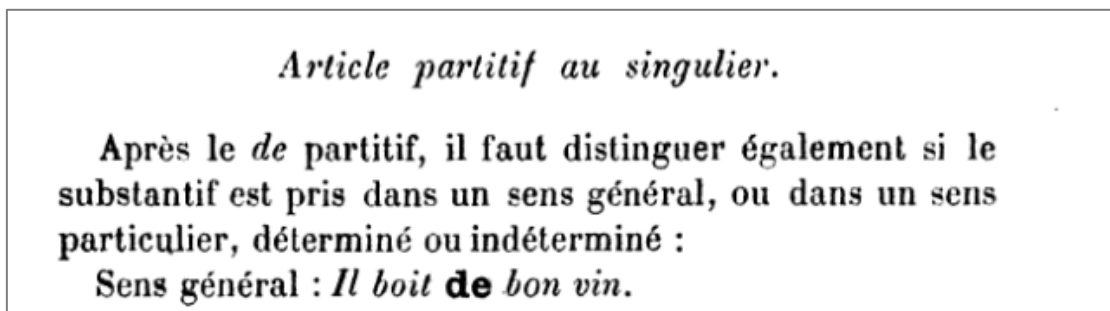
Fonte: Brachet (1876)

FIGURA 2 – Fragmento de “*Grammaire française historique*”.

Lisez de bons livres.

550. Quand le nom est précédé d’un adjectif, l’article partitif est remplacé par *de* :
Lisez *de bons livres.*
La Bourgogne produit *de bon vin.*

Fonte: Sengler (1883)

FIGURA 3 – Fragmento de “*Nouvelle grammaire historique du français*”.

Fonte: Clédat (1889)

Já era final do século XIX, e a regra, conforme se conhece hoje, parecia não estar totalmente consolidada.

2.4. ‘H’ ASPIRÉE, ‘H’ MUET

Ao consultar um dicionário francês, sempre haverá um asterisco (*) acompanhando palavras como *hasard*, *heurter*, *hideux*, *honte* e *hurler*. Em contrapartida, outras palavras também iniciadas com a letra ‘H’ tal qual *habiter*, *heure*, *histoire*, *hôpital* e *humain* não terão a presença deste sinal gráfico.

Há, portanto, dois tipos de ‘H’. O do primeiro grupo é chamado de ***h aspirée*** (h aspirado); o outro é denominado de ***h muet*** (h mudo). Foneticamente, esses dois ‘H’ são pronunciados da mesma maneira, quando as palavras estão isoladas, o que muda, porém, tanto na pronúncia, quanto na escrita é a possibilidade desses ‘H’ fazer ***élision*** (elisão) e ***liaison*** (ligação).

Élision é a supressão da vogal final de uma palavra, quando a seguinte começa por vogal ou h mudo, sendo substituída por um apóstrofo (‘). Já ***liaison*** é quando a consoante final, normalmente não pronunciada, de uma palavra liga à uma vogal ou h mudo inicial da palavra seguinte. Posto isso, ***h muet*** faz ***élision*** e ***liaison***, o ***h aspirée*** jamais.

- *l’heure* [lœʁ] X *le hasard* [læazar]; *j’habit* [ʒabit] X *je hurle* [ʒə’yʁl];
- *mes heures* [mezœʁ] X *mes hasards* [meazar]; *vous habitez* [vuzabite] X *vous hurlez* [vu’yʁle]

Ao contrário do que o senso comum diz, que o asterisco (*) na frente de uma palavra iniciada com ‘H’ em um dicionário, é a única maneira de diferenciar um ***h aspirée*** de um ***h muet***, há sim, uma outra forma de fazer essa distinção: o latim.

Conforme explica Clédat (1889), o h mudo no francês tem origem nas

palavras do latim (ou do grego). Por outro lado, o h aspirado tem procedência nos idiomas germânicos da época das invasões bárbaras, antes mesmo da primeira fase da língua francesa, o francês arcaico. No francês moderno, todas as palavras iniciadas com 'H' de empréstimo de algum outro idioma, tornaram-se aspirado também.

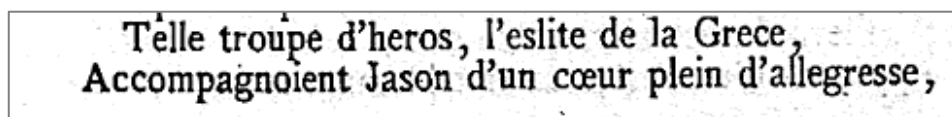
Estranhamente, o h latino era fortemente aspirado, conforme assegura Brachet (1876). Todavia, ainda no período do romance os 'H' deixaram de ser proferidos, e até mesmo escritos. Daí, de acordo com Grevisse (1988), do "homem" latino deriva-se o pronome *on* francês (homo > omo > om > on).

Toda essa explicação não elucida um mistério. Por que *héros* (herói) tem um *h aspirée*, e todas as outras palavras derivadas *héroïne*, *héroïque*, *héroïsme*, etc são constituídas por *h muet*?

Os latinos conheciam a palavra herói. Havia uma profusão de heróis, herdados da mitologia grega. Entretanto, eles tinham problema com o zero (0). Os algarismos romanos eram compostos pelas letras I, V, X, L, C, D e M, não possuindo nenhum símbolo para representar o vazio. Para essa discussão da área de exatas fazer sentido em um trabalho acadêmico da humanas, é necessário avançar até o século XV.

Apesar dos árabes terem introduzidos o algarismo zero na Europa por volta do século VIII, foi somente sete séculos depois, que consoante à *Académie Française* esse número aparece no idioma francês. Ainda nessa época, o 'H' de *héros* era mudo, como se pode observar na presença de uma elisão em um trecho de uma das obras de Pierre Ronsard:

FIGURA 4 – Fragmento de "*Œuvres Complètes de P. de Ronsard*".



Telle troupe d'heros, l'eslite de la Grece,
Accompagnoient Jason d'un cœur plein d'allegresse,

Fonte: Ronsard (1866)

Mas a aparição de zéros, causou uma impressionante homofonia. *Les héros* e *Les zéros* eram pronunciados da mesma maneira [lezeɾo]. Assim, inspirado na sua origem latina, *héros* teve seu h aspirado **restaurado**.

2.5. ADJECTIFS NUMÉRAUX CARDINAUX

Os romanos contavam **septuāgintā**, **ōctōgintā**, **nōnāgintā**; em português se conta setenta, oitenta, noventa; em espanhol, de maneira quase parecida, conta-se *setenta*, *ochenta*, *noventa*; em italiano, *settanta*, *ottanta*, *novanta*, em inglês e alemão, que não são derivados do latim, conta-se *seventy*, *eighty*, *ninety* e *siebzig*, *achtzig*, *neunzig*, respectivamente; a língua francesa da Suíça e da Bélgica conta **septante**, **octante/huitante**, **nonante**, mas na França se faz um verdadeiro cálculo mental e se diz **soixante-dix**, **quatre-vingts**, **quatre-vingt-dix**.

Existem na França três sistemas de *adjectifs numéraux cardinaux*: o decimal (das dezenas de 00 à 69), o vigesimal (de 80 à 99), e um sistema misto ou transitório (de 70 à 79).

Até a Idade Média, o sistema numérico da região da França era vigesimal. Computavam *dix* (10), *vingt* (20), *vingt et dix* (30), *deux-vingts* (40), *deux-vingts et dix* (50), *trois-vingts* (60), *trois-vingts et dix* (70) e assim por diante. Evidentemente, que a origem desse sistema não é do estrato latino, nem do superstrato germânico dos povos bárbaros, mas sim do substrato céltico em um de seus 92 empréstimos para o latim. Segundo Chevallet (1858), os gauleses preferiam o número 20 como base de seu sistema numérico e dessa maneira pronunciavam: *deg* (dez), *ugain* (vinte), *deg ar ugain* (dez e vinte), *deugain* (dois-vintes), *deg a deugain* (dez e dois-vintes), *trigain* (três-vintes), *deg a trigain* (dez e três-vintes), *pedwar ugain* (quatro-vintes) e *deg a pedwar ugain* (dez e quatro-vintes).

No caso dos números, será só no fim da Idade Média que a influência latina aparecerá com as novas palavras, até que no século XVII a *Académie Française*, na figura de Vaulegas, adota definitivamente as cinco primeiras dezenas baseadas no sistema decimal, e as três últimas, no sistema vigesimal. Assim sendo, os *adjectifs numéraux cardinaux* são os únicos aspectos da língua francesa em que é possível perceber a evolução de um idioma, pois possuem dois domínios linguísticos **misturados**, os vestígios ainda vivos daquela coexistência entre o gaulês e o latim.

2.6. PATAVINITAS

Após essa longa genealogia linguística e com ênfase em cinco aspectos, dentre alguns que mais costumam causar dúvidas nas aulas de Língua Francesa (*pronoms relatifs; les possessifs; article partitif; h muet, h aspirée; adjectifs numéraux cardinaux*) e suas respectivas histórias, é de suma importância, refletir as palavras de Quintiliano ao dizer “*quemadmodum Pollio reprehendit in Livio patavinitatem*”, ou seja, que dessa maneira Asínio Polião repreendia Tito Livio por [não entender] suas patavinitas.

A lição deve vir de “*plurima gallica evaluerunt*”, muitas palavras gaulesas prevaleceram. Se muitas palavras francesas prevaleceram, simplesmente sem explicação, neste contexto idiomático que foi **inventado, descartado, misturado, remanejado, restaurado, descontinuado**, corre o frustrante risco do estudante ser ensinado, mas não entender patavinas.

03 ENCONTRADO

“...*POTIUSQUE SERO QUAM NUNQUAM...*”
(Tito Livio, *Ab Urbe Condita*, lv. 4, cap. 2, l. 11)

Diante de um Projeto Pedagógico que não conseguiu evitar a pulverização de conteúdos, e inábil a promover na prática a interdisciplinaridade entre as disciplinas de Latim com os componentes de Língua Francesa, Morfossintaxe e, Fonética e Fonologia, conforme exposto no capítulo 01, e perante uma história de evolução linguística do Latim ao Francês Moderno, que mais parece uma epopeia etimologicamente barroca, no qual as gramáticas consultadas não são unânimes em explicar determinados aspectos da língua francesa, consoante narrado no capítulo 02, seria esperançoso confiar que o manual didático para o ensino de Língua Francesa adotado pelo Curso de Graduação em Letras: Francês e Literaturas de Língua Francesa da Universidade Federal de Uberlândia conseguisse articular essas demandas, preenchendo essas lacunas. Seria. Mas o manual didático adotado foi o “*Version Originale*”.

Essa visão negativa transparecida no final do primeiro parágrafo se deve, entre outros aspectos, ao fato do “*Version Originale*” (VO) sistematizar a parte gramatical em sucintos flavescentes quadros monótonos:

FIGURA 5 – Fragmentos de “*Version Originale 2*”.

60 soixante	En Belgique : 70 : septante 80 : quatre-vingts 90 : nonante	LES ARTICLES				
70 soixante-dix		SINGULIER		PLURIEL		
71 soixante et onze	En Suisse : 70 : septante 80 : huitante 90 : nonante	MASCULIN	FÉMININ	MASCULIN	FÉMININ	
72 soixante-douze		ARTICLES DÉFINIS	le pont l'aéroport	la rue l'avenue	les ponts	les rues
73 soixante-treize		ARTICLES INDÉFINIS	un pont	une rue	des ponts	des rues
74 soixante-quatorze		ARTICLES PARTITIFS	du pain de l'alcool	de la viande de l'eau		
75 soixante-quinze						
76 soixante-seize						
77 soixante-dix-sept						

Fonte: o autor

Ao analisar a figura acima, é possível fazer algumas conclusões lamentáveis. Apesar dos autores evidenciarem que na Bélgica e na Suíça há um sistema inteiramente decimal para os números cardinais, em nenhum momento é explicado o motivo dessa diferença, e nos exercícios que se seguem, é cobrado somente a maneira francesa. No caso dos artigos partitivos, a situação é mais grave. Há somente um simplório quadro que, aparentemente, o aluno deve decorar. Se isso tudo não fosse o bastante, itens como os pronomes possessivos (a série “*le mien*”) e os dois tipos de ‘H’ não aparecem em nenhum dos quatro volumes da coleção.

Elaborados nos últimos anos da primeira década do século XXI, os livros da coleção VO ostentam em suas páginas de rosto e no “*avant-propos*” o nome de **Christian Puren** como conselheiro pedagógico e revisor, e que ao definir a coleção diz:

Version Originale é, portanto, um curso de língua... *original*, porque foi concebido em função da evolução atual no ensino de língua e cultura. Não tenho dúvidas de que é, portanto, um instrumento eficaz nas mãos de alunos e professores.²⁸ (DENYER et al., 2010, p.5, grifo do autor, tradução nossa)

Se de fato fosse indubitavelmente eficaz, essa monografia jamais teria sido

²⁸ “*Version Originale* est donc un cours de langue... *original* parce qu'il a été conçu en fonction de l'évolution actuelle de la didactique des langues-cultures. Je ne doute pas qu'il soit de ce fait un instrument efficace aux mains des apprenants et des enseignants” (texto original)

escrita.

Autor e professor emérito da *Université Jean Monnet (Saint-Étienne)* na França, Christian Puren é um grande entusiasta e defensor da **abordagem acional** para aprendizagem de língua estrangeira, na qual se baseia a coleção VO. Partindo de conceitos específicos como ator social, tarefa, autonomia, objetivo interacional, professor mediador, Guedes (2018, p. 29) sustenta que a abordagem acional

objetiva favorecer o desenvolvimento harmônico da **personalidade do aprendiz** e de **sua identidade** na relação de reposta à experiência de trocas em matéria de língua e cultura. Assim, o processo de aprendizagem está envolto por essa característica dinâmica que considera o aprendiz como sujeito ativo no sentido de que seus conhecimentos, seus saberes interferem no desenvolvimento e no contato com os novos conhecimentos. O que os **professores e aprendizes** precisam **descobrir é como essa alteridade** pode se conduzir **de maneira equilibrada, positiva**. (grifos nosso)

Ao entender essa alteridade, compreende-se que o objetivo desse trabalho não é impor como única trajetória para aprender a língua francesa, a condição *sine qua non* de dominar o latim. No processo de aprendizagem, as possibilidades metodológicas são inúmeras. Ou pelos menos deveriam ser. Da abordagem gramática-tradução, a primeira e a mais antiga, que vigorou durante muito tempo com o propósito de ensinar o latim, até a abordagem acional, a mais recente e em voga, que surge em um contexto educacional multicultural de uma Europa plurilinguística (PUREN, 2006), todas as outras deveriam ser consideradas válidas, partindo do princípio de que cada aluno responde diferente à experiência de aprendizagem de língua estrangeira.

Há alunos que respondem melhor ao ensino, fazendo exercícios de gramática pura; alguns preferem ler grandes clássicos franceses; outros optam por clubes de conversação ou expressão oral; e existem muitos que têm facilidade com músicas, filmes e séries em língua francesa. Porém, há aquele tipo de aluno, inquieto, que simplesmente não consegue aceitar “goela abaixo” regras gramaticais, aparentemente, sem sentido, e que passa uma graduação inteira esperando a facilitação de um professor mediador que faça a ponte do latim ao francês moderno, ou buscando a raiz da origem de suas dúvidas, até que um dia encontra “...*potiusque sero quam nunquam...*”, em bom português, antes tarde do que nunca. E daí?

REFERÊNCIAS

ACADÉMIE FRANÇAISE. **Roger-Louis D. (Belgique)**. 02.sep.2021. Disponível em: <<https://www.academie-francaise.fr/roger-louis-d-belgique>>. Acesso em: 27.fev.2023.

AMPÈRE, J. J. **Histoire de la formation de langue française**. 2^e ed. Paris: Didier et C^{ie}, Libraires-Éditeurs. 1869.

BANNIARD, M. **Du Latin aux Langues Romanes**. Paris: Armand Colin. 1997. 128 p. ISBN 978-2-200-35448-0.

BASSETO, B. F. **Elementos de Filologia Românica: História Externa das Línguas Românicas**, v. 1., 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. 2013. 440 p.

_____. **Elementos de Filologia Românica: História Interna das Línguas Românicas**, v. 2. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. 2010. 456 p., 18 x 25,5 cm. ISBN 978-85-314-1225-7.

BERTRAND, O. **Histoire du vocabulaire français origines, emprunts et création lexicale**. Palaiseau: Les Éditions de l'École polytechnique. 2011. 228 p., 14 x 20 cm. ISBN 978-2-7302-1581-7.

BRACHET, A. **Nouvelle Grammaire Française**. 4^e ed. Paris: Librairie Hachette et C^{ie}. 1876.

_____. **Grammaire Historique de la Langue Française**. 24^e ed. Paris: J. Hetzel et C^{ie} Éditeurs. 1880.

BRUNOT, F. **Précis de Grammaire Historique de la Langue Française**. 4^e ed. Paris: Masson et C^{ie}, Éditeurs. 1894.

CHEVALLET, A. **Origine et Formation de la Langue Française**. Tome Troisième. 2^e ed. Paris: Imprimerie Impériale. 1858.

CLÉDAT, L. **Nouvelle Grammaire Historique du Français**. Paris: Garnier Frères, Libraires-Éditeurs. 1889.

CRAPELET, G. A. **Des progrès de l'imprimerie en France et en Italie au XVI^e siècle et de son influence sur la littérature**. Éditée par Clara Renedo en 2014. Paris: Imprimerie de Crapelet. 1836.

COLLARES, M. A. Visões historiográficas sobre a obra de Tito Lívio. In : **Representações do senado romano na *Ab Urbe Condita Libri* de Tito Lívio**: [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. p. 72-124. ISBN 978-85-7983-096-9.

DENYER, M. et al. **Version Originale: Méthode de Français**, Livre de l'élève, v. 2., Paris: Editions Maison des Langues. 2010. 158 p. ISBN 978-85-61635-78-7.

GREVISSE, M. **le bon usage: Grammaire Française**. Refondue par André Goosse. 12^e ed. Paris-Gembloux: Duculot. 1988. 1768 p. ISBN 2-8011-0588-0.

GUEDES, A. P. **A perspectiva acional e o ensino do francês língua estrangeira**. In: França e Brasil? Laços Literários, 2018, Londrina. Anais Eletrônicos do Colóquio: França e Brasil - Laços Literários, 2018. v. 1. p. 26-33. <<https://coloquiobrasilfranca.files.wordpress.com/2018/12/PDF3.pdf>>. Acesso em: 01.mar.2023.

LÉGIFRANCE. **Ordonnance du 25 août 1539 sur le fait de la justice (dite ordonnance de Villers-Cotterêts)**. République Française. Disponível em: <https://www.legifrance.gouv.fr/loda/article_lc/LEGIARTI000006452019>. Acesso em: 16.fev.2023.

MACHONIS, P. A. **Histoire de la langue: Du latin a l'ancien français**. Lanham, MD: University Press of America, Inc. 1990. 290 p. ISBN 0-8171-7874-8.

PERRENOUD, P. et al. **As competências para ensinar no século XXI: a formação dos professores e o desafio da avaliação**. Tradução por Cláudia Schilling e Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed Editora. 2002.

PUREN, C. De l'approche communicative à la perspective acionnelle. **Le Français dans le Monde** : n° 347, p. 37-40, sep-oct 2006.

RONSDARD, P. **Œuvres Complètes de P. De Ronsard**. Tome V. Éditée par M.Prosper Blanchemain. Paris: Librairie A. Franck. 1866.

SEGLER, P. A. **Grammaire Française Historique**. Lille e Paris: Librairie de J. Lefort. 1883.

STANISLAV, O. **Histoire de la langue française**. 2021. 68 f. Manuel – Centre d'édition et de polygraphie, Université nationale Lessia Oukraïnka de Volhynie, Loutsk, 2021.

STÖRIG, H.J. **A Aventura das Línguas: Uma história dos idiomas do mundo**. Tradução por Clória Paschoal de Camargo e Dauro Krieger. São Paulo: Editora Melhoramentos. 2003. 269 p. ISBN 85-06-03984-3.

TEYSSIER, P. et al. **Comprendre Les Langues Romanes: Du Français À L'espagnol Au Portugais À L'italien & Au Roumain: Méthode D'intercompréhension**. Chandeigne : 2004. 396 p. ISBN 9782915540017.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA. **Projeto Pedagógico do Curso de Graduação em Letras: Francês e Literaturas de Língua Francesa**. Uberlândia, 2017. p.218.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE LETRAS E LINGÜÍSTICA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS: FRANCÊS E LITERATURAS DE LÍNGUA FRANCESA



ANEXO 2

DECLARAÇÃO DE AUTENTICIDADE

“Eu, Diogo Alexandre Neres Silva, declaro para todos os efeitos que o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “DO LATIM AO FRANCÊS MODERNO: E DAÍ?” foi integralmente por mim redigido, e que assinali devidamente todas as referências a textos, ideias e interpretações de outros autores.

Declaro ainda que o trabalho nunca foi apresentado a outro Curso e/ou Universidade para fins de obtenção de grau acadêmico.”

Uberlândia, 09 de Março de 2023

Assinatura do(a) aluno(a) Diogo Alexandre Neres Silva